

A sereia surda e a Libras no fundo do mar: contação de histórias para crianças surdas

**The deaf mermaid and the Libras at the bottom of the sea: storytelling for
deaf children**

Carmen Elisabete de Oliveira^{1*}

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)²
e-mail: bety.interprete@gmail.com

Resumo: A Literatura é um direito natural de todo ser humano, portanto, o acesso à Literatura Infantil não deve se restringir apenas à criança ouvinte, mas deve incluir também a criança surda. Pesquisadores e autores surdos enfatizam que garantir esse acesso por meio de criações literárias produzidas por surdos proporciona conforto linguístico e cultural às crianças surdas. Este estudo apresenta uma proposta de contação de histórias para crianças surdas com história da Literatura Surda Infantil: “A Sereia Surda e a Libras no Fundo do Mar” (2023), de Juliana R. Pavan e Rosana Prado, tanto no formato impresso quanto no digital. Busquei compreender como os diferentes formatos influenciam a experiência do leitor e a recepção da narrativa, e destaquei elementos estéticos, as vivências e as marcas culturais presentes na obra. Além disso, há reflexões sobre a importância dos livros de Literatura Infantil como instrumentos de acessibilidade e de promoção do direito à Literatura. O embasamento teórico desta pesquisa inclui estudos sobre leitura literária de Teresa Colomer (2007), literatura surda de Cláudio Mourão (2011, 2016), Morgado (2011), estética da recepção de Regina Zilberman (1989) e o direito à literatura de Antonio Candido (2011). Trata-se de uma análise bibliográfica, qualitativa e de natureza *etnolibras*. O estudo

¹ Professora de Libras na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Realeza/PR, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras- PPGL, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Cascavel/PR, com pesquisas na área de Literatura Surda e Literatura em Libras. E-mail: bety.interprete@gmail.com.

² Este artigo é parte da dissertação de mestrado desta pesquisadora, denominada Literatura Surda: uma via para além do silêncio (2019). Nesta pesquisa, foram realizados estudos sobre a contação de histórias para crianças surdas, com reflexões acerca do leitor surdo e do processo de aprendizado da leitura, além de estratégias para apresentar o texto literário a esse público. Assim, algumas questões e reflexões desenvolvidas na dissertação foram incorporadas à construção deste artigo.

possibilitou a análise de aspectos estéticos, culturais e linguísticos da história, além de fomentar reflexões sobre a relevância de compreender uma obra literária e explorá-la em atividades de leitura destinadas a crianças surdas.

Palavras-chave: Leitura Literária; Literatura Surda Infantil; Surdez.

Abstract: Literature is a natural right of every human being, therefore, access to Children's Literature should not be restricted only to hearing children but should also include deaf children. Deaf researchers and authors emphasize that ensuring this access through literary creations produced by deaf people provides linguistic and cultural comfort to deaf children. This study presents a proposal for storytelling for deaf children with a history of Deaf Children's Literature: “A Sereia Surda e a Libras no Fundo do Mar” (2023), by Juliana R. Pavan and Rosana Prado, both in printed and digital formats. digital. I sought to understand how different formats influence the reader's experience and reception of the narrative, and highlighted aesthetic elements, experiences and cultural marks present in the work. Furthermore, there are reflections on the importance of Children's Literature books as instruments of accessibility and promotion of the right to Literature. The theoretical basis of this research includes studies on literary reading by Teresa Colomer (2007), deaf literature by Cláudio Mourão (2011, 2016), Morgado (2011), reception aesthetics by Regina Zilberman (1989) and the right to literature by Antônio Cândido (2011). This is a bibliographical, qualitative analysis of an etnolibras nature. The study enabled the analysis of aesthetic, cultural and linguistic aspects of the story, in addition to encouraging reflections on the relevance of understanding a literary work and exploring it in reading activities aimed at deaf children.

Keywords: Literary Reading; Deaf Children's Literature; Deafness.

INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias é uma prática cultural que remonta aos primórdios das civilizações, pois a narrativa é uma habilidade natural dos seres humanos que se desenvolve nas interações sociais. Segundo Mourão (2011, p.72), assim como as pessoas ouvintes “o povo surdo utilizava a sinalidade³, passando de pais a filhos muitas histórias em línguas de sinais”.

Os avanços tecnológicos, como a internet, celulares e computadores, facilitam o armazenamento e o compartilhamento de histórias, narrativas, e produções literárias dos surdos em línguas de sinais. Anteriormente a esse período as histórias eram guardadas na

³ Sinalidade: Termo utilizado pelo pesquisador surdo Cláudio Henrique Mourão para referir-se à produções sinalizadas das pessoas surdas.

memória e passadas de geração a geração apenas pelas línguas de sinais. Neste processo de reconto, muitas informações e detalhes eram esquecidos ou acrescentados, modificando a narrativa original.

Para as crianças, sejam ouvintes ou surdas, o momento de ouvir ou receber histórias é mágico, pois elas adentram no mundo da fantasia e vivem intensamente as aventuras, sensações e emoções dos personagens, além disso, esse momento suscita o despertar literário e o fortalecimento dos laços entre o narrador e o espectador. Conforme Lebedeff (2004, p.133), no que diz respeito ao aspecto afetivo “a criança descobre o universo da leitura pela voz, plena de entonação e de significado, daqueles em quem ela tem mais confiança e com quem se identifica”. Podemos afirmar que, para as crianças surdas, a recepção em língua de sinais, é enriquecida de beleza e de encanto, decorrente da visualidade e do uso de recursos linguísticos pelo sinalizador.

A criança ouvinte tem os primeiros contatos com a literatura por meio da contação de histórias, realizadas pelos familiares, bem como pelo manuseio de livros, pelo acesso às histórias infantis tanto na plataforma do Youtube, como nos programas infantis na televisão. No entanto, para 95% das crianças surdas, que nascem em um lar de pessoas ouvintes a recepção das histórias e o acesso a materiais literários não ocorre da mesma maneira que para as crianças ouvintes, assim, eles têm poucas oportunidades de receberem histórias sinalizadas e de apreciarem obras literárias em seus lares.

Quando a criança surda tem pais surdos, a aquisição da Língua de Sinais ocorre de maneira natural. Isso resulta em um desenvolvimento linguístico, cognitivo, psicológico e social da criança, pelo input linguístico que acontece nas interações com a comunidade surda. Além disso, a criança tem acesso a narrativas literárias em sua língua, contadas por seus pais ou familiares surdos. Nesse contexto, a criança aprende a exercer seu pensamento crítico em relação ao enredo das histórias, ao comportamento dos personagens, por isso questiona e realiza inferências, de maneira semelhante à criança ouvinte. No entanto, essa não é a realidade da maioria das crianças surdas que têm pais ouvintes. Conforme aponta Lebedeff (2004) a maioria dessas crianças possui experiência

limitada em relação ao contato com histórias infantis antes do início do processo de alfabetização.

Diante dessa realidade, o professor contador de histórias tem como desafio adaptar sua prática pedagógica ao contexto social e cultural das crianças, além de elaborar atividades que rompam com o horizonte de expectativas⁴, utilizando metodologias atrativas e materiais diversificados e, assim despertar o interesse dos alunos para esse momento literário. Por fim, este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da contação de histórias para a criança surda, a partir de oficina literária desenvolvida em uma Instituição que atende surdos, entendendo tal atividade como uma aliada na formação de leitores no público infantil surdo.

Esse estudo tem como objetivo, descrever uma proposta de contação de histórias para crianças surdas do Ensino Fundamental- Anos Iniciais, com a análise da obra “A Sereia Surda e a Libras no Fundo do Mar” (2023), de Juliana R. Pavan e Rosana Prado, tanto no formato impresso quanto no formato digital. Essa é uma obra que integra a Literatura Surda Infantil. Além disso, busquei compreender como os diferentes formatos influenciam a experiência do leitor e a recepção da narrativa, ao destacar os elementos estéticos, e as marcas culturais presentes na obra. Inclui-se reflexões sobre a importância dos livros de Literatura Infantil como instrumentos de acessibilidade e de promoção do direito à Literatura. Trata-se de uma análise bibliográfica, qualitativa e de natureza *etnolibras*⁵.

Esse estudo está dividido em três partes que dialogam entre si.

⁴ Horizonte de expectativas: uma das etapas do método recepcional.

⁵ Os termos “etno”, “etnolibras”, “etnoafro” e “etnilis”, são formas de prefixos que se relacionam com etnias, culturas e línguas específicas, indicando uma abordagem etnolinguística para compreender a abordagem a diversidade linguística e cultural de grupos étnicos específicos. Etnolibras: É uma junção do prefixo “etno” com “Libras”, a Língua Brasileira de Sinais. Portanto, essa palavra se refere a uma abordagem que considera aspectos étnicos e culturais relacionados à comunidade surda brasileira e à sua língua, a Libras, reconhecida e planejada no Brasil através de legislações e Curso de Graduação Letras Libras, pós-graduação de Especialização, Mestrado e Doutorado, bem como do Pós- Doutorado nessa área. Pode estar relacionada a estudos sobre a cultura, identidades literárias surdas, a história da comunidade surda brasileira e as práticas linguísticas específicas desse grupo (Vilhalva,2024, p.10-11).

Na primeira parte, intitulada “A arte de contar histórias para crianças surdas” apresento reflexões ancoradas em teóricos que embasam o estudo, pois permitem uma análise crítica sobre as perspectivas conceituais relacionadas ao contador de histórias, seu papel e a organização necessária para a realização dessa atividade literária.

A segunda parte, denominada “Entre saberes e práticas”, é dedicada à apresentação do livro de Literatura Surda Infantil: “A Sereia Surda e a Libras no Fundo do Mar” (2023), que compõem o corpus da atividade denominada como “Hora do Conto”.

Na terceira parte, intitulada "Identificando os Marcadores Culturais", são abordados os elementos característicos da cultura surda analisados na obra de Pavan e Prado (2023). Neste estudo, entendo a palavra "marca" como um traço distintivo que contribui para a identificação e reconhecimento de uma cultura ou identidade pessoal.

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS SURDAS

O contato da criança surda com a Literatura em Língua de Sinais, é fundamental pois estimula a imaginação e a criatividade, além de contribuir para a expansão de seus horizontes cognitivos, linguísticos e culturais. No entanto, para a criança surda que tem pais ouvintes, esse contato é tardio em razão da ausência de uma língua em comum, dessa forma o acesso à literatura geralmente ocorre no espaço escolar, com professores surdos ou ouvintes bilíngues. Segundo Morgado (2011), é essencial que essas crianças sejam apresentadas a uma literatura de qualidade, na qual o contador explore os recursos linguísticos e estéticos, de maneira que envolva e encante o visuleitor. Para isso, os contadores de histórias devem ser preparados para que realizem boas escolhas em relação à metodologia, ao emprego de recursos pedagógicos e recursos linguísticos da Língua de Sinais, bem como às formas de explorar a materialidade da obra e as marcas culturais presentes. Nesse contexto, o contador de histórias deve ser preferencialmente uma pessoa surda.

Conforme Morgado (2011), a opção por um contador de histórias surdo se justifica

pelas características culturais que o tornam especial para realizar essa atividade. Ele possui uma visão de mundo totalmente visual, diferente dos ouvintes; a sua identidade é surda, além disso tem a experiência de ser surdo; é falante nativo de língua gestual, assim é sua primeira língua. A autora argumenta que a pessoa ouvinte, que possui conhecimento da cultura surda e da língua de sinais, pode contar histórias, mas nunca terá o mesmo desempenho que uma pessoa surda. Isso porque “não foi um aluno surdo rodeado de professores ouvintes, não teve barreiras, não vive no silêncio, e a visão não é prioritária na sua percepção de mundo” (Morgado, 2011, p. 154). Nessa mesma perspectiva Lebedeff (2004), destaca que o contador de histórias surdo emprega estratégias linguísticas que embelezam a narrativa, e contribui para o desenvolvimento linguístico da criança surda. As autoras delineiam o perfil ideal do contador de histórias: primeiramente ele deve ser surdo, pelas questões linguísticas e identitárias ou, ser um ouvinte bilíngue fluente em língua de sinais. Ademais, precisa ser um apreciador da literatura e um leitor ativo. Além disso, o contador com familiaridade com diversos gêneros literários está preparado para realizar atividades que incentivem e promovam o gosto pela leitura.

Na preparação do momento literário o contador deve observar algumas etapas: primeiramente, compreender a experiência prévia das crianças com essa prática, especialmente se a atividade for oferecida a uma turma desconhecida. Caso seja em sua turma, é recomendável que planeje uma atividade ainda não vivenciada. A escolha do tema, o livro ou o vídeo de acordo com o público-alvo, é uma etapa importante para envolver o receptor da história. Ao optar por um livro de história infantil, principalmente para crianças surdas, o contador deve analisar se a obra tem potencial de estimular o imaginário infantil, despertar a curiosidade e contribuir para o desenvolvimento de sua compreensão leitora.

O professor deve observar a elaboração estética do livro, considerando a apresentação das imagens, o uso das cores, os recursos de espacialidade e movimento na página. É preciso estar atento ao perfil dos personagens e nas ilustrações, levando em

conta a experiência visual e a Visualiterária⁶ para as crianças surdas. É necessário refletir que, embora os surdos necessitem de suporte visual para compreender melhor os sentidos na literatura, esse é um recurso de apoio que serve também às crianças ouvintes.

Crianças ouvintes não alfabetizadas prendem-se nas ilustrações; com frequência, a professora ou os pais mostram as figuras, contam a história e vão virando as páginas. Igualmente, as crianças surdas usam visualizar as ilustrações enquanto os pais ou professores contam (sinalizam) as histórias. Dessa forma, elas podem refletir, desenvolver a imaginação, conhecer histórias de mistérios, aventuras. Tanto os surdos como os ouvintes têm as mesmas oportunidades: a diferença está na língua (Mourão, 2011, p. 83).

Nas atividades literárias, o conhecimento da obra e do autor permite ao contador explorar aspectos que favoreçam a identificação cultural dos visualeitores. Nesse sentido, é essencial considerar elementos como o enredo, os personagens, as marcas culturais além dos recursos paratextuais e estéticos da obra.

É a parte de uma história que vai além do texto, por exemplo o título, a capa de um livro de ilustrações como slides e imagens do vídeo. [...] nas narrativas em Libras, o paratexto pode incluir saudações e despedidas. Embora não seja parte do texto, o paratexto faz parte da estrutura da obra como um todo. (Sutton-Spence, 2021, p. 113).

O contador escolhe os elementos paratextuais que interessam ao seu público. Entre esses elementos destaco a capa do livro, a contracapa, a biografia do autor, o prefácio, a dedicatória, o índice, as notas de rodapé, as citações, o posfácio e as ilustrações. Conhecer esses componentes auxiliam na compreensão da obra, complementam o texto e revelam indícios do que não foi dito.

Em relação aos recursos para a contação de histórias, às cores atrativas, a

⁶ Visualiterária: Termo criado por Mourão (2016) para sua tese. Visualiterária significa “Fazer uma leitura sinalizada[...]”.

visibilidade captura facilmente a atenção do público surdo. Assim, maquetes, avental de histórias, palitoches, fantoches, dedoches, cavalete de histórias, flanelógrafo, painéis, livro de histórias com imagens grandes e vídeos sinalizados são materiais altamente visuais, e, por isso, adequadas para essa atividade. Ademais, a caracterização do professor como um personagem, torna a experiência literária mais envolvente.

Todas as etapas preparatórias são essenciais. Da mesma forma, é importante dedicar atenção à organização das atividades que ocorrem após a contação da história, a fim de expandir o horizonte de expectativas (Zilbermann, 1989). Essa etapa deve estar alinhada aos objetivos estabelecidos, bem como delinear um roteiro e um plano alternativo para eventuais imprevistos como por exemplo: impossibilidade de projetar a história devido a falta de energia elétrica.

Por ser uma atividade que entusiasma as crianças, criar expectativas e um certo mistério estimula a curiosidade para o encontro literário. Como exemplo, temos a elaboração de um convite solicitando às crianças para trazerem um objeto que esteja relacionado ao tema da narrativa. Isso inclui uma fruta, algum material de higiene, um bicho de pelúcia, um elemento da natureza, entre outras possibilidades.

Em relação ao ambiente, deve ser acolhedor e organizado de maneira inovadora, diferente do que as crianças estão acostumadas a ver. Se a atividade ocorrer na sala de aula, é possível alterar a disposição dos móveis ou criar uma sala temática inspirada na história. Qualquer espaço pode ser aproveitado: o pátio, o parquinho ou até a sombra de uma árvore. O importante é que todos se sintam confortáveis e motivados para esse momento. É interessante que após esta atividade literária, o contador de história, faça uma autoavaliação do encontro, tecendo reflexões sobre os pontos positivos e negativos, com o intuito de aprimorar futuras experiências.

Na experiência pedagógica literária com crianças surdas em uma Instituição que atende surdos, optei por utilizar a narrativa “A Sereia Surda e a Libras no Fundo do Mar”, que está disponível em formato de livro e, em vídeo no canal do YouTube. Para prepará-los para esta atividade, na semana anterior as crianças assistiram à história da “Pequena

Sereia⁷ (1989), da Walt Disney, com a professora que trabalha na Instituição. O objetivo foi dar um parâmetro às crianças para que, ao receber a história adaptada para a cultura surda, percebessem as alterações em relação à história original. Durante a exibição do vídeo, eles contaram com o apoio de uma intérprete que esclareceu as dúvidas que surgiram ao longo da atividade.

ENTRE SABERES E PRÁTICAS

Nesse contexto, a "Hora do Conto" para as crianças surdas é um momento especial, pois além de oferecer uma oportunidade de recepção de histórias por meio da Língua de Sinais, proporciona a imersão em um universo de fantasia. Nessa experiência elas vivenciam os fatos narrados, se identificam com os personagens, estimulam a criatividade. Assim, apresento a obra, destaco os elementos da cultura surda trazendo algumas possibilidades de leitura que evidenciam as marcas culturais.

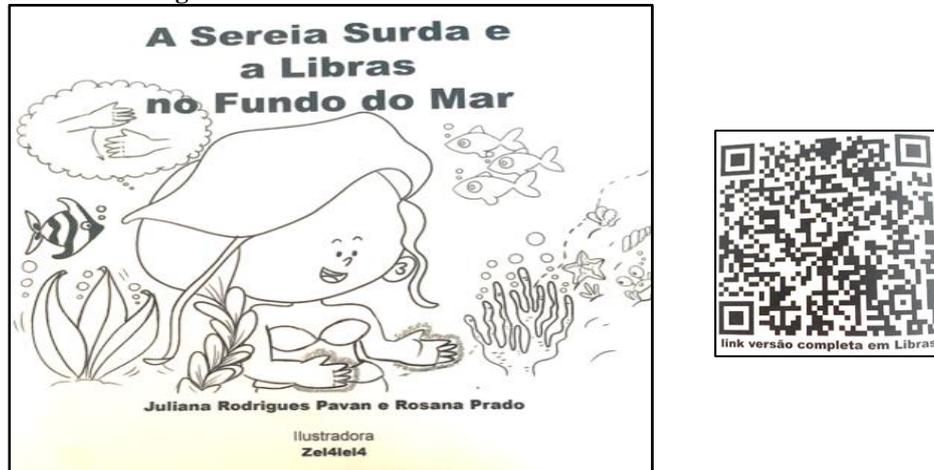
A obra da Sereia Surda foi elaborada pela pedagoga surda Janaina Rodrigues Pavan⁸. A história é resultado de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Pedagogia do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES. A obra é em coautoria⁹ com Rosana Prado, e foi publicada em 2023.

⁷ Filme: A Pequena Sereia: Disponível em: <https://www.tokyvideo.com/video/a-pequena-sereia-1989>
Acesso em 9 out.2024

⁸ Graduada no curso de Licenciatura em Pedagogia com Ênfase em Libras pelo Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/DESU). Monografia o título: alfabetização, letramento visual e literatura surda: a criação de um livro de literatura surda infantil. Experiência durante o percurso acadêmico: Bolsista - Pesquisadora na área de Alfabetização e Letramento e Literatura Infantil no Desenvolvimento Cultural da Criança Surda. Experiência educadora de museu em Libras, atividades, vídeos e comunicação com grupos de surdos e ouvintes. Atualmente, é auxiliar educacional em uma escola na educação infantil e no ensino fundamental. <http://lattes.cnpq.br/3414733663832878>.

⁹ Nesse artigo, faço referência apenas à autora Juliana pelo livro ser resultado de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Figura 1 - Livro: A Sereia surda e a Libras no fundo do mar



Fonte: A autora (2024)

A obra impressa é composta por 44 páginas, ilustradas em preto e branco, para que a criança tenha a oportunidade de colorir. Na dedicatória no livro a autora se dirige “à toda comunidade surda, em especial às crianças surdas” (Pavan, 2023, p. 3). O texto escrito em língua portuguesa, apresenta uma linguagem simples em uma narrativa descritiva. Cada página apresenta um QR Code que permite ao visualeitor acessar aquele momento da história em Libras, pelo canal do Youtube¹⁰. No vídeo, com duração de 12 minutos, a autora realiza a contação da história sem recorrer às imagens, utilizando apenas um cenário que lembra o fundo do mar. Ao final do livro, o leitor encontra outro QR Code que oferece acesso à história completa que inclui as ilustrações do livro e a narrativa em Libras. A protagonista se chama July, uma referência ao nome de uma das autoras: Juliana. As autoras, indicam que a faixa etária recomendada é de 6 a 8 anos, mas entendo que o mediador deve considerar o perfil do leitor.

Essa Literatura do tipo adaptação para a cultura surda, apresenta a história de July, uma sereia surda que adora nadar no fundo do mar e observar o pôr do sol. Ela percebe que outras sereias se comunicam falando quando estão na superfície, mas não conseguem

¹⁰ A Sereia Surda e a Libras no fundo do mar: Disponível em: <https://youtu.be/FVHgtTLtBY?feature=shared> Acesso em 15 out.2024

se comunicar ao mergulhar. Ela não entende as falas e sente-se isolada. Um dia, July descobre que pode usar Libras (Língua Brasileira de Sinais) debaixo d'água, o que a deixa animada.

Ao tentar ensinar essa descoberta para as outras sereias, elas não compreendem e July se afasta, nadando até uma cidade. Lá, encontra Merck, um rapaz surdo com quem se apaixona e conversa em Libras. Porém, ela foge de volta ao mar, pois acredita que seu amor é impossível por ela não ter pernas. July então pede ajuda a seu pai, Netuno, que a transforma em uma mulher com pernas para que possa encontrar Merck. Eles se reencontram na cidade, o jovem a pede em casamento, assim os amigos de Merck tentam aprender Libras para se comunicar com July. No entanto, ela sente falta de sua família e convida Merck para se casar no fundo do mar. Netuno atende o pedido da filha e usa sua magia para que todos os convidados e amigos do jovem sejam transformados em sereias e tritões para participarem do casamento.

Durante a cerimônia, July mostra a Netuno como é possível usar Libras debaixo d'água, o que o emociona. Ele percebe a importância dessa comunicação e decide introduzir a Libras no reino submarino, tornando a comunicação acessível e incluindo linguisticamente todos os tritões e sereias surdas. Assim, o reino se torna mais unido e feliz, pois todos agora conseguem se comunicar.

A narrativa de Pavan e Prado (2023), é uma adaptação da clássica história da "Pequena Sereia" (1989), no entanto há a inclusão de elementos que refletem a cultura surda. O objetivo central das autoras foi abordar a temática da inclusão, destacando a importância da Libras na comunicação das pessoas surdas, além disso, a obra busca promover a visibilidade da língua e da cultura surda, estabelecendo um espaço de identificação e sentimento de pertencimento a uma comunidade, além de promover a acessibilidade literária.

IDENTIFICANDO OS MARCADORES CULTURAIS

Apontar os marcadores culturais presentes nas produções surdas requer uma abordagem que reconheça o surdo como um sujeito multifacetado e plural, que está imerso em práticas sociais. Isso envolve o uso da Língua de Sinais, as questões de identidade, a maneira como o surdo narra sua diferença cultural e linguística. Nesse contexto, demanda entender a produção de seus artefatos culturais e investigar como ocorre a transmissão cultural do povo surdo.

Conforme Muller (2012, p. 60) “esse olhar é construído a partir do entendimento de que as produções culturais surdas, em contingências de tempo e de espaço, produzem diferentes posições de sujeito”. Assim como ocorre em outras literaturas de minorias, as marcas culturais na Literatura Surda são constantemente reinventadas, por ser e estar em um processo dinâmico de produção de sentidos. Neste estudo, foram analisados os seguintes marcadores culturais: a) o uso estético da Libras e a visualidade, b) a experiência visual, c) os personagens e as questões de identidade.

A estética é um elemento que envolve e seduz o leitor, por isso são fundamentais em qualquer Literatura. Segundo Anjos (2018, p. 119), “a Literatura se apropria da forma estética e do conteúdo semântico-cultural para cumprir seu papel de produzir arte no campo da linguagem seja ela (escrita ou oral)”, semelhante ao que ocorre na literatura sinalizada. A estética desempenha um papel importante na literatura voltada para pessoas surdas, pois elas interagem e compreendem o mundo essencialmente pelo canal visual.

Nesse contexto, a obra literária sinalizada utiliza recursos imagéticos e linguísticos que são inerentes à Língua de Sinais. Esses recursos incluem: a incorporação de personagens e de animais e, o uso de antropomorfismo e de classificadores. São elementos que embelezam as narrativas e despertam o interesse e o prazer pela leitura de histórias sinalizadas. Embora este estudo tenha um enfoque Literário e não Linguístico, considero ser interessante apresentar alguns elementos linguísticos como os classificadores, pois fazem parte da língua, além disso, são recursos estéticos amplamente utilizados nas narrativas da Língua de Sinais. Conforme Strobel (2008), a Língua de Sinais é um dos principais artefatos culturais do povo surdo.

A história em formato de vídeo, é sinalizada pela autora Juliana Pavan. Nela a narrativa é realizada com muitos elementos estéticos que impõem o ritmo da sinalização e o estilo da autora e que, revela muita beleza na sua forma de contar a história em Libras. Ela utiliza classificadores descritivos, e a antropomorfização de seres aquáticos que se expressam por meio da Libras e externalizam comportamentos e emoções humanas. Segundo Sutton-Spence (2021, p. 42), a Literatura Sinalizada é uma forma de arte visual em que o protagonista realiza uma literatura de performance e utiliza o corpo como meio de expressão durante sua apresentação, “assim, torna-se quase impossível separar o corpo do artista do texto, da narrativa, ou do poema”. Nesse sentido, embora o livro seja interessante, a forma escrita não contempla os recursos estéticos e linguísticos e as diversas possibilidades de contar a história em Libras. Assim, comecei apresentando a forma sinalizada mostrada no vídeo para facilitar a compreensão das crianças. O livro serviu como um recurso valioso para explorar os personagens e as cenas, além de utilizá-lo para o momento em que as crianças recontaram a história em Libras.

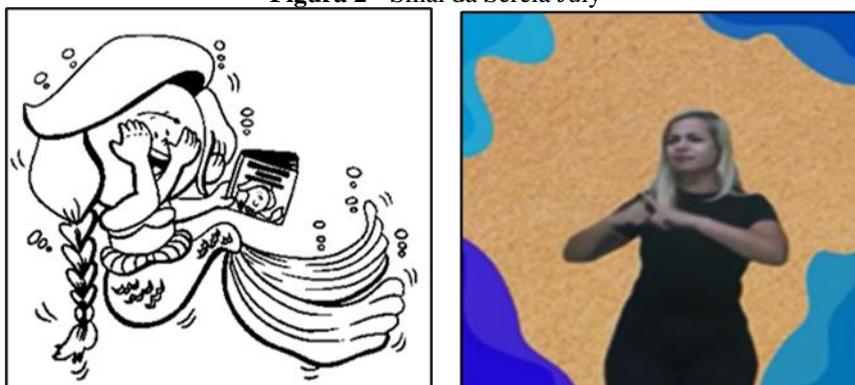
A narrativa de Pavan e Prado (2023), apresenta diversos marcadores culturais significativos. Uma das autoras, por ser surda, reconhece a importância de incorporar referências à identidade e à cultura surda, uma vez que a história é direcionada para crianças que estão em processo de construção de sua identidade surda. Os aspectos culturais que se destacam na história da Sereia Surda tanto na versão impressa quanto na versão em vídeo, incluem o uso da Língua de Sinais pelos personagens e a ênfase na visualidade da história. Embora as ilustrações não sejam coloridas, as imagens são expressivas e complementam o texto em Língua Portuguesa e a narrativa do vídeo. A inclusão de personagens surdos como a sereia July, o jovem surdo Merck, as sereias e os tritões surdos que vivem no reino de Netuno, destacam a auto representação nessa narrativa.

Ao refletirmos sobre a experiência visual como parte da cultura e da identidade da pessoa surda, nota-se que as histórias, as piadas, os contos e as narrativas surgem a partir de suas experiências no mundo dos ouvintes. Dessa forma, é natural que escritores surdos

incluam personagens surdos em suas obras como uma forma de autorrepresentação. Mourão (2016, p.196), menciona Pokorski (2014), em relação a essa inserção “[...] acredito que nas experiências vividas pelos personagens surdos nas diferentes histórias existam traços das vivências dos autores surdos e de sua relação com o mundo”, sugerindo inclusive a presença de elementos da história do povo surdo e suas experiências com os processos educacionais. A autora confere protagonismo à personagem surda, por reconhecer a importância da auto representação na Literatura das minorias, além de que, ela desempenha uma função ética e política, pois marca a posição do indivíduo na sociedade. Ao destacar a personagem, a autora rompe os estereótipos da incapacidade das pessoas surdas, apresentando uma nova perspectiva que os empodera por meio de sua língua e de sua cultura.

Outra marca cultural presente na narrativa em vídeo é o sinal da Sereia July. A atribuição de um sinal visual é uma prática que tem como objetivo identificar um membro da comunidade surda. Esse processo de “batismo” normalmente é realizado por uma pessoa surda, e equivale a prática de receber um nome na comunidade ouvinte. A pessoa que recebe o sinal, ao ser apresentada a um surdo, se identifica pelo seu sinal visual. A escolha do sinal é realizada com base na observação de alguns aspectos: a) características físicas (com traços do rosto, cabelos, altura e tatuagens); b) comportamentos marcantes e manias; c) apelidos na comunidade ouvinte.

Figura 2 - Sinal da Sereia July



Fonte: Pavan e Prado (2023), Youtube¹¹

A protagonista possui cabelos longos, que são exibidos com uma trança lateral, por isso, o seu sinal é realizado no lado esquerdo da cabeça, como se estivesse trançando os fios. Essa marca visual facilita a identificação do personagem e de suas ações no desenvolvimento da narrativa em Libras. Na história, a sereia se apresenta ao jovem surdo, por meio do seu sinal e com a soletração de seu nome: J-U-L-Y, pelo alfabeto datilológico, que é um recurso linguístico das Línguas de Sinais.

As autoras finalizam a história ressaltando a importância do ensino e da comunicação em Libras para todos os habitantes do fundo do mar, e inclui Netuno, o Rei dos Mares e pai da Sereia Surda. Ao aprender a língua, ele poderia se comunicar com sua filha. Esse momento é descrito pelas palavras de Pavan e Prado (2023, p.35), ao se referirem a Netuno: “Ele sentiu-se emocionado em usar a Libras e poder se comunicar com a filha. Então, decidiu que iria levar a libras para todo o seu reino no fundo do mar”.

Figura 3 - Libras no fundo do mar



Fonte: Pavan e Prado (2023), Youtube¹²

¹¹ A Sereia Surda e a Libras no fundo do mar. Disponível em: <https://youtu.be/FVHg-TTLtBY?feature=shared> Acesso em 15 out.2024.

¹² A Sereia Surda e a Libras no fundo do mar. Disponível em: <https://youtu.be/FVHg-TTLtBY?feature=shared> Acesso em 15 out.2024.

Na obra selecionada percebe-se a presença da perspectiva socioantropológica sobre a surdez, com o protagonismo da Sereia July, além de outros elementos como: a visualidade, que as autoras descrevem com a sereia observando tudo ao seu redor, pela comunicação em Libras entre os personagens surdos. Inclui-se também o sinal visual da sereia que é apresentado no vídeo, o uso do alfabeto datilológico, e a inserção de personagens surdos que moram no fundo do mar. Ademais, Pavan e Prado (2023, p.35), ressaltam de forma sutil a importância de a família conhecer e utilizar a Libras como meio de comunicação, ao descrever a felicidade de Netuno com a possibilidade de se comunicar com July. A inclusão efetiva do surdo na família, garante o bem-estar emocional e social, o fortalecimento dos laços, o seu desenvolvimento integral, além de despertar no surdo o sentimento de valorização de sua língua e de sua cultura, e de ser compreendido no ambiente familiar.

Em uma fase anterior a Hora do conto conversei com os docentes da Instituição para investigar sobre a forma de contato literário das crianças, especialmente com a Literatura Surda. No diálogo, percebi que o trabalho com Literatura era limitado em relação à frequência, à oferta e às expectativas das crianças nessas atividades. Segundo o relato das professoras, a forma de contar e explorar as histórias seguia um estilo tradicional, que consistia em apresentá-la em Libras, ou por meio de vídeos e posteriormente com atividades de pintura e desenho dos personagens, sem a utilização de materiais alternativos. Observei que essa situação resulta da falta de conhecimento e do despreparo para atividades que possam explorar o aspecto estético e literário das narrativas infantis, além das marcas culturais presentes na literatura destinada a crianças surdas.

Assim, organizei a oficina contextualizando o ambiente onde vivem os personagens, utilizando imagens do fundo do mar e de algumas criaturas que lá habitam, além de representações de sereias, tritões e do rei dos Mares, Netuno. Expliquei, no entanto, que esses personagens são fictícios. O ambiente da sala foi decorado com tecidos

azuis que imitavam as águas, e as crianças receberam adornos para a cabeça que lembram sereias e tritões. Elas assistiram à história sentadas em almofadas 'sob as águas'. Busquei atividades interativas e motivadoras que ajudassem na identificação das marcas culturais presentes na narrativa, comparando as duas narrativas. Foi um dia muito produtivo, e as crianças expressaram o desejo de que retornássemos para outra tarde literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre as considerações deste trabalho, percebo que as novas abordagens para apresentar produções literárias às crianças surdas, valorizando a estética e as marcas culturais, aproximam o visualizador da Literatura Surda. A obra selecionada para este estudo atendeu plenamente aos objetivos propostos, pois a autora incorporou recursos estéticos, linguísticos e culturais, especialmente na narrativa em vídeo por meio da Libras. Esses elementos foram explorados de maneira significativa nas atividades desenvolvidas após a recepção da história, enriquecendo a experiência literária. Embora o trabalho tenha sido desenvolvido com crianças, as marcas culturais foram evidenciadas em diálogos e em momentos específicos da história. O trabalho comparativo com a história “A Pequena Sereia” de Walt Disney, facilitou a identificação de elementos da cultura surda na obra adaptada.

Na história “Sereia Surda e a Libras no fundo do mar”, a autora utiliza o recurso da auto representação e, com habilidade narrativa, através da personagem July e de seu apaixonado Merck, retrata a experiência de ser surdo em situações de isolamento e falta de comunicação com os personagens ouvintes. A temática, aliada à leveza poética com que a narrativa é explorada, certamente proporciona uma identificação profunda da criança, levando-a a relacionar suas vivências com as da protagonista. Além disso, a obra enriquece o conhecimento sobre a cultura surda e a Libras, promovendo empatia e compreensão.

Acredito que o sucesso da oficina se deve ao envolvimento e ao interesse demonstrados pelas crianças. Ao trabalhar com pessoas surdas, percebo a importância de abordá-los sob a perspectiva da antropologia social. Como docente, pesquisadora e professora, reconheço que os surdos têm uma maneira única de compreender e interagir com o mundo, baseada em sua experiência visual. É essencial oferecer a eles experiências pedagógicas com obras literárias, especialmente aquelas que fazem parte da Literatura Surda. Essas narrativas ajudam a constituir a identidade do sujeito surdo, que pertence a uma comunidade que utiliza uma língua visual espacial.

Na área da Literatura, a escolha de uma metodologia adequada é essencial para que crianças surdas possam explorar seu imaginário e aprimorar suas habilidades de leitura. Para transformar a realidade escolar, em relação ao acesso ao texto literário por essas crianças é importante proporcionar aos professores experiências diversificadas com a literatura. Isso permitirá que, ao desenvolver atividades com as crianças surdas, elas promovam conhecimento, prazer pelo contato com a literatura em uma abordagem lúdica.

Além disso, o professor deve apresentar uma variedade de gêneros e temáticas, o que requer um conhecimento aprofundado de ferramentas que possibilitem explorar os recursos linguísticos e estéticos presentes nas narrativas. Além disso, é essencial que ele seja um apreciador da literatura. Dessa forma, o professor motiva as crianças a desenvolverem o prazer e o interesse pela leitura.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Sofia, O Antropomorfismo e o espaço metafórico nas narrativas literárias em Línguas de Sinais. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 114-135, jan. / jun, 2018. Disponível em: <https://1library.org/document/qm37n64y-antropomorfismo-espaco-metaforico-nas-narrativas-literarias-lingua-sinais.html>. Acesso em: 11 set. 2024.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2011.

LEBEDEFF, Tatiana. B. Práticas de Letramento na Pré-Escola de Surdos: reflexões sobre a importância de contar histórias. In: THOMA, Adriana; LOPES, Maura. (org.) A

Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MORGADO, Marta. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. *Cultura Surda na contemporaneidade*: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ulbra, 2011.

MOURÃO, Cláudio. *Literatura Surda*: produções de surdos em Língua de Sinais. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, 2011. Disponível em:
<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>.

MULLER, Janete. *Tradução cultural em educação*: experiências da diferença em escritas de surdos. *Educação e Pesquisa*., São Paulo, v. 41, n. 4, p. 1055-1068, out./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n4/1517-9702-ep-1517-97022015031750.pdf> Acesso em 8 set. 2024.

OLIVEIRA, Carmen. E. *Literatura Surda*: uma via além do silêncio. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste, Cascavel/PR, 2017. Disponível em:
<https://tede.unioeste.br/handle/tede/4255>.

PAVAN, Juliana R.; PRADO, Rosana. *A Sereia surda e a Libras no fundo do mar*. Ilustração Zel4lel4. 1.ed. Rio de Janeiro. Ed. da Autora, 2023.

STROBEL, Karin.. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. 1 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Arara Azul, 2021.

VILHALVA, Shirley. Prefácio. In: SOUSA, M. (org.). *Estudos da Literatura Surda*. 1.ed. Montes Claros, MG, 2024.

Data de recebimento: 02/09/2024

Data de aprovação: 22/11/2024